



Argumentação e discurso literário

Uma análise semiolinguística do conto “A dívida”, de Fontes Ibiapina

Luis Felipe da Silva Castelo Branco

Universidade Federal do Piauí (UFPI), Brasil

orcid.org/0000-0002-2687-3008

João Benvindo de Moura

Universidade Federal do Piauí (UFPI), Brasil

orcid.org/0000-0002-6885-100X

O presente trabalho tem por objetivo analisar a organização argumentativa no discurso literário do conto “A Dívida”, de Fontes Ibiapina, com base na Análise do Discurso Semiolinguística. Assim, buscamos verificar as especificidades do ato de linguagem, suas circunstâncias de discurso e o modo argumentativo de organização discursiva do objeto literário analisado. Nossa investigação é de natureza aplicada, de cunho descritivo quanto aos objetivos, de abordagem qualitativa, além de documental no tocante aos procedimentos de coleta de dados. Os resultados demonstram que a organização argumentativa está sustentada em relações lógicas, partindo de encadeamentos de causalidade implicativa, de generalizações e raciocínios por dedução, manifestados através de uma encenação que se fundamenta em avaliações apoiadas no domínio ético e em valores como os de disciplina e justiça, assim como em saberes da área da criminologia, possivelmente influenciados pela dupla carreira de escritor e juiz de Fontes Ibiapina.

Palavras-chave: Argumentação. Discurso Literário. Semiolinguística. Fontes Ibiapina.

Argumentación y discurso literario: un análisis semiolinguístico del cuento “a dívida”, de Fontes Ibiapina

El presente trabajo tiene como objetivo analizar la organización argumentativa en el discurso literario del cuento “A Dívida”, de Fontes Ibiapina, basado en el Análisis del Discurso Semiolinguística. Buscamos verificar las especificidades del acto de lenguaje, sus circunstancias de discurso y el modo argumentativo de organización discursiva del objeto literario analizado. Nuestra investigación es de naturaleza aplicada, de carácter descriptivo en cuanto a los objetivos, de enfoque cualitativo, además de documental en cuanto a los procedimientos de recolección de datos. Los resultados demuestran que la organización argumentativa se basa en relaciones lógicas, partiendo de encadenamientos de causalidad implicativa, generalizaciones y razonamientos deductivos, manifestados a través de una escenificación que se fundamenta en valoraciones basadas en el dominio ético y en valores como la disciplina y la justicia, así como en conocimientos del ámbito de la criminología, posiblemente influenciados por la doble carrera de escritor y juez de Fontes Ibiapina.

Palabras clave: Argumentación. Discurso Literario. Semiolinguística. Fontes Ibiapina.

Argumentation and literary discourse: a semiolinguistic analysis of the short story “a dívida” by Fontes Ibiapina

This study aims to analyze the argumentative organization in the literary discourse of the short story “A Dívida” by Fontes Ibiapina, based on Semiolinguistic Discourse Analysis. We seek to verify the specificities of the language act, its discursive circumstances, and the argumentative mode of discursive organization of the literary object analyzed. Our research is applied in nature, descriptive in terms of its objectives, with a qualitative approach, and documentary in terms of data collection procedures. The results demonstrate that the argumentative organization is based on logical relations, starting from chains of implicational causality, generalizations, and deductive reasoning, manifested through a staging that is based on evaluations based on the ethical domain and on values such as discipline and justice, as well as on knowledge in the field of criminology, possibly influenced by Fontes Ibiapina's dual career as a writer and a judge.

Keywords: Argumentation. Literary Discourse. Semiolinguistics. Fontes Ibiapina.

Introdução

A análise do discurso literário é um território de pesquisas com um potencial de aproximar estudos linguísticos e literários. Partindo do pressuposto de que o universo ficcional é produto da elaboração e recorte de mundo por um sujeito inscrito em determinadas circunstâncias socioculturais, torna-se pertinente nos questionarmos acerca da relação entre esses elementos situacionais e os elementos linguísticos utilizados para significar a narrativa literária. Na tentativa de aprofundar essa reflexão, traçamos dois recortes, sendo eles, mais especificamente, no que diz respeito ao *corpus* e ao instrumental teórico mobilizado para investigá-lo.

Selecionamos como *corpus* o conto “A Dívida” (conferir Anexos), de autoria do literato piauiense Fontes Ibiapina. Este texto está presente na coletânea de contos *Chão de Meu Deus* (2009), lançada originalmente em 1958, sendo também a primeira obra publicada daquele mesmo autor. Trata-se de uma narrativa que se debruça sobre os ditos e os feitos atribuídos a um personagem identificado como João Viriato, que chega ao interior do Piauí e logo conquista uma fama de malfeitor cuja natureza passa a ser investigada e ponderada pelo narrador ao longo do conto.

Dentre as razões para escolha deste *corpus*, elencamos, em primeiro lugar, a sua pertença a um conjunto de produções literárias ainda às margens de reconhecimento pelo público leitor: a literatura de autores piauienses – termo utilizado por Araújo (2007) para realçar e congregar autores e obras literárias que possuem algum vínculo com o estado do Piauí (naturalidade, residência, temática etc.), dando ênfase, dessa forma, a escrituras que ainda carecem de valorização, leituras e pesquisas. Em segundo lugar, há o interesse de analisar o discurso literário de Fontes Ibiapina, um dos grandes nomes da literatura de autores piauienses, o qual, segundo relato de seu neto Eneas Barros, foi detentor de uma produção vasta, totalizando exatos 266 textos produzidos, incluindo contos, romances, ensaios, produções para o folclore e o teatro, sem contar as centenas de textos feitos para os meios de comunicação (Barros, 2012). Além disso, a temática regional do conto analisado, assim como a representação da linguagem, do espaço e dos personagens piauienses, possuem um valor cultural, sobretudo para o estado do Piauí, digno não apenas de reconhecimento, como também de uma investigação acerca dos discursos projetados em sua elaboração.

Ao final deste trabalho, buscamos responder ao seguinte questionamento motivador desta pesquisa: *quais possíveis formas de manifestação da argumentação no discurso literário?* De antemão, temos a hipótese de que todo texto literário possui uma dimensão argumentativa implícita, a qual estaria presente, sobretudo, na forma como o universo narrado é recortado e apresentado ao leitor por um sujeito contador de histórias ficcionais. Supomos que no conto “A Dívida”, do literato piauiense Fontes Ibiapina, encontraríamos um exemplo de uma relação argumentativa na identificação do personagem João Viriato como um criminoso, que imaginamos ser influenciada pelo projeto de fala de seu autor-escritor e pelas circunstâncias de produção do conto em questão.

1. Semiologia e Argumentação

Situada no território da Análise do Discurso, a Teoria Semiológica revela-se como uma vertente de orientação comunicacional e pragmática que se desenvolve a partir dos trabalhos do professor Patrick Charaudeau, na França, em meados dos anos 1980. Em sua abordagem, a linguagem é analisada considerando a intencionalidade dos sujeitos que a utilizam, os quais são pensados como detentores de um projeto de fala, que comanda a formatação do mundo a significar (a realidade) em mundo significado (o real) – uma ação que Charaudeau (2005) define em termos de processo de semiótica do mundo. Nesse sentido, somos levados a pensar que os sentidos não existem a priori, visto que eles são construídos e atualizados a cada troca comunicativa por um sujeito de intencionalidades durante os processos de produção e interpretação da linguagem.

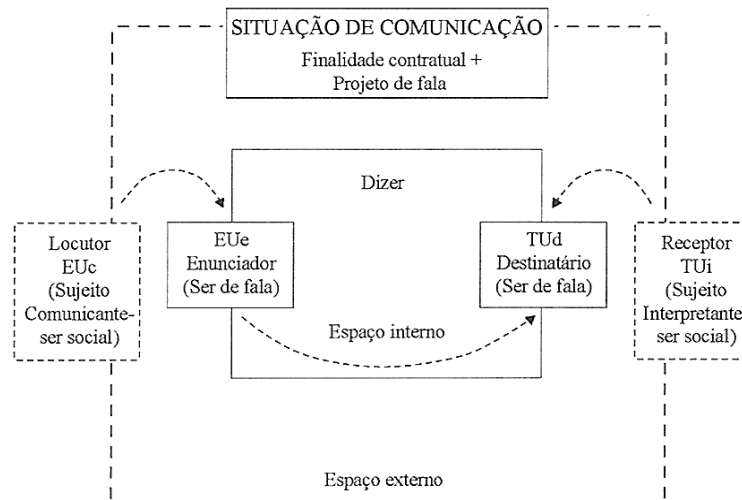
A natureza desta abordagem se encontra representada em sua própria nomenclatura. “Semio” (de “*semiosis*”) aponta para a relação necessária entre a forma de expressão e o sentido, a qual pode utilizar de diferentes sistemas semiológicos, respondendo ao projeto de fala de um sujeito intencional em determinada situação comunicativa. Junto a isso, “Linguística” diz respeito à forma de expressão privilegiada para essa investigação, no caso, a das línguas naturais (Charaudeau, 2005). Dessa maneira, estamos diante de uma teoria de Análise do Discurso, pois ela possibilita analisar as manifestações linguageiras de modo a ir além das fronteiras linguísticas, considerando as suas diferentes possibilidades de expressão e os elementos discursivos associados à sua significação.

Por conseguinte, frisamos que o discurso não se restringe à linguagem verbal, pois, sendo um lugar de construção da significação, pode utilizar de um ou mais códigos semiológicos (Charaudeau, 2001). Além disso, na perspectiva teórica da Semiolinguística, a noção de discurso contempla duas acepções.

Em um primeiro sentido, *discurso* está relacionado ao fenômeno da encenação do ato de linguagem. Esta encenação depende de um dispositivo que compreende dois circuitos: um circuito externo, que representa o lugar do *fazer psicossocial* (o situacional) e um circuito interno que representa o lugar da *organização do dizer*. Reservaremos o termo *discurso* ao domínio do *dizer*. [...] Em um segundo sentido, *discurso* pode ser relacionado a um conjunto de saberes partilhados, construído, na maior parte das vezes, de modo inconsciente, pelos indivíduos pertencentes a um dado grupo social (Charaudeau, 2001, p. 26).

Partindo desta definição, o ato de linguagem pode ser pensado como um “jogo” de máscaras, uma encenação que se realiza mediante elementos explícitos – a estrutura perceptível em si mesma, uma forma material, insuficiente para o exame da totalidade da significação – e implícitos – os saberes associados às condições de produção/interpretação, indispensáveis para a construção da significação. Assim sendo, a encenação linguageira ocorre em circunstâncias de discurso específicas, reunindo os processos de produção e interpretação. Para visualizarmos este processo, temos a seguinte proposta de representação da encenação de um ato de linguagem:

Figura 1 - Representação do dispositivo da encenação da linguagem



Fonte: Charaudeau (2016, p. 77).

Ela nos mostra que o ato de linguagem, longe de ser concebido como uma troca simétrica entre um sujeito emissor e um destinatário, diz respeito a uma totalidade cuja encenação ocorre em circunstâncias de produção e interpretação específicas, resultantes da interação entre no mínimo quatro sujeitos, dispostos em dois circuitos diferentes, mas interrelacionados.

No primeiro circuito – o espaço externo do ato de linguagem – temos os dois parceiros da troca linguageira, ambos seres de identidade social e psicológica, inseridos em uma determinada situação de comunicação, a qual compreende as restrições situacionais para produção e interpretação do ato de linguagem. São eles: um locutor ocupando a posição de sujeito comunicante (EUC) – sujeito responsável pela produção do ato de linguagem e detentor de um projeto de fala – e o interlocutor do ato de comunicação (TUi) – qualquer sujeito interpretante do mundo real, cuja reação não é capaz de ser previamente assegurada (Charaudeau, 2016).

No segundo circuito – o espaço interno do ato de linguagem – temos os dois protagonistas da troca comunicativa, seres definidos pelos papéis linguageiros que desempenham, visto que são projetados e se manifestam exclusivamente pelo ato de enunciação, ambos inscritos, dessa forma, no espaço do dizer, o qual compreende as estratégias discursivas para concretização e interpretação do ato de linguagem. São eles: um sujeito enunciador (EUe) – ser de fala projetado pelo EUC para assumir um ou mais papéis linguageiros – e um sujeito destinatário (TUD) – um interlocutor idealizado pelo EUC e conseqüentemente projetado por ele no interior de seu discurso (Charaudeau, 2016).

A partir desta definição do ato de linguagem como um espaço de encenação da linguagem, podemos delimitar uma outra noção de suma importância para a Teoria Semiolinguística: os modos de organização do discurso. Estes correspondem aos “[...] procedimentos que consistem em utilizar determinadas categorias de língua para ordená-las em função das finalidades discursivas do ato de comunicação [...]” (Charaudeau, 2016, p. 74). De modo mais específico, o EUC de um ato de linguagem, diante do seu projeto de fala em uma dada situação comunicativa, projeta um EUe para concretizá-lo e ordenar as formas escolhidas para sua expressão conforme suas intencionalidades.

Cada modo de organização do discurso é caracterizado de acordo com a sua função de base e o seu princípio de organização. A função de base aponta para a finalidade discursiva presente no projeto de fala do EUC – para o enunciativo,

estabelecer uma relação do sujeito em relação ao outro, ao seu próprio dizer ou a um terceiro; para o descritivo, identificar e qualificar os elementos do mundo de maneira objetiva/subjetiva; para o narrativo, construir um relato mediante a apresentação de uma sucessão temporal de ações; para o argumentativo, expor e provar a existência de relações de causalidade entre os fatos do mundo com o objetivo de influenciar o interlocutor. Já o princípio de organização diz respeito à forma de apresentação de cada modo de organização do discurso em função de sua finalidade discursiva. Dessa maneira, dizemos que o modo enunciativo comanda os demais, visto que ele não apenas revela a posição que o locutor assume no ato de linguagem como também intervém na encenação dos demais modos, fazendo com que possuam uma dupla organização: uma lógica de construção (descritiva, narrativa, argumentativa) e uma organização da encenação (descritiva, narrativa, argumentativa) (Charaudeau, 2016).

Estabelecendo uma relação com o *corpus* de nosso trabalho, ressaltamos que, embora a natureza dos contos seja caracterizada pela predominância dos modos narrativo e descritivo de organização do discurso, em razão de nossos objetivos de pesquisa apresentados anteriormente, centramos nosso foco no modo argumentativo, o qual conduz nossas análises.

O modo argumentativo de organização do discurso reúne combinações que podem ser encontradas no interior de qualquer texto, porque, em termos de discurso, consideramos que o aspecto argumentativo pode se manifestar não apenas de maneira explícita, mas, principalmente, de forma implícita. Ele funciona como uma mecânica responsável pela construção de diferentes argumentações, as quais representam o produto textual de um modo de organização discursiva orientada conforme uma determinada finalidade persuasiva. Por isso, para que haja argumentação, é preciso que tenhamos três elementos em interação: um sujeito na posição de argumentante, uma determinada proposta sobre o mundo e o direcionamento a um sujeito-alvo (Charaudeau, 2016).

Em síntese, “esse modo tem por função permitir a construção de *explicações* sobre asserções feitas acerca do mundo (quer essas asserções tratem de experiência ou de conhecimento), numa dupla perspectiva de *razão demonstrativa* e *razão persuasiva*” (Charaudeau, 2016, p. 207). Essa dupla perspectiva, em outras palavras, diz respeito a seu duplo modo de organização. De um lado, temos a razão demonstrativa – os procedimentos de organização da lógica argumentativa utilizados para estabelecer relações de causalidade – e, de outro, a razão persuasiva

– os procedimentos de encenação argumentativa utilizados para estabelecer a prova das relações de causalidade.

A organização da lógica argumentativa (ou razão demonstrativa) possui seus componentes e procedimentos que se reúnem para dar forma às relações de causalidade em uma argumentação. No tocante aos componentes, temos: a) os elementos de base da relação argumentativa – asserção de partida, de chegada e de passagem; b) os modos de encadeamento – conjunção, disjunção, restrição, oposição, causa, consequência, finalidade; c) as modalidades (ou condições de realização) – do eixo do possível ou do obrigatório; e d) o escopo do valor de verdade – de generalização, particularização ou hipótese. Junto a isso, os procedimentos da lógica argumentativa, que representam os modos de raciocínio originados a partir das possibilidades de combinação daqueles diferentes componentes, são: dedução, explicação, associação, escolha alternativa e concessão restritiva (Charaudeau, 2016).

Quando pensamos a argumentação no interior de uma determinada situação de comunicação, partindo de um sujeito que detém um projeto de influência e se dirige a um sujeito-alvo, estamos diante de uma encenação argumentativa (ou razão persuasiva), a qual se origina da associação a uma lógica argumentativa. A encenação argumentativa também possui seus componentes e procedimentos de organização. Os seus componentes são: a) um dispositivo argumentativo – proposta (tese), proposição (quadro de questionamento) e persuasão (quadro de raciocínio); b) os tipos de configuração – uma situação de troca (monologal ou dialogal) e um contrato de comunicação (explícito ou implícito); e c) as posições do sujeito – com relação à proposta, com relação ao emissor da proposta e com relação a sua própria argumentação. Na encenação argumentativa, o sujeito argumentante, partindo dos componentes do modo de organização argumentativo e estando diante do seu propósito comunicativo, de uma dada situação comunicativa e da forma como percebe o seu sujeito-alvo, utiliza-se de determinados procedimentos, os quais podem ser agrupados em três grupos: a) os procedimentos semânticos – os domínios de avaliação (do domínio da verdade, do ético, do estético, do hedônico e do pragmático) com os seus respectivos valores; os procedimentos discursivos – a definição, comparação, descrição narrativa, citação, acumulação e o questionamento; e os procedimentos de composição – linear ou classificatória (Charaudeau, 2016).

Diante do que foi apresentado, conseguimos, nesse momento, embora de modo geral, visualizar um dos caminhos que a Teoria Semiollingüística nos oferece

para analisarmos o aspecto argumentativo de um ato de linguagem, no caso, por meio da investigação do modo argumentativo de organização do discurso. Gostaríamos, no entanto, de ampliarmos a discussão acerca do que entendemos por argumentação. Nessa direção, acreditamos que

[...] argumentar é mobilizar justificativas convincentes para as próprias convicções acerca do mundo; é valer-se da língua, considerando a situação de interação; é dominar estratégias de caráter macro e microtextual, visando a atingir o alocutário de tal sorte que ele acabe concordando com o ponto de vista do locutor e possivelmente mudando o próprio comportamento (Moura, 2020, p. 49).

O reconhecimento da intencionalidade que orienta a produção de um ato de linguagem ocorre no processo de leitura e é fundamental para a interpretação e a compreensão dos efeitos de sentidos projetados pela materialidade discursiva. Por essa razão, seguindo os passos de Feres (2023), escolhemos abordar o ato de ler sob uma perspectiva comunicativa e com um olhar intersubjetivo, pois, como apontado pela autora, quem produz um texto se dirige a um interlocutor, assim como quem lê um texto sabe que ele foi produzido por um sujeito, um reconhecimento mútuo que influencia tanto a produção quanto a recepção do material significativo que assume a forma de texto.

Texto é a materialização de um ato de linguagem, que Charaudeau (2016, p. 27) representa a partir da seguinte fórmula: “*A de L = [Explícito x Implícito] C de D*”. A partir dela, é sintetizado que o ato de linguagem, como mencionamos anteriormente, possui uma dupla dimensão: a dimensão explícita – a superfície linguageira que se apresenta incompleta do ponto de vista da significação; e a dimensão implícita – as condições de produção/interpretação do ato de linguagem (circunstância de discurso), cujo reconhecimento precisa ser acionado para construção de sentidos. Notamos então que o ato de linguagem, assim como uma moeda, possui dois lados constitutivos, ambos ligados por uma relação de determinação para construção da significação.

A título de exemplo, a superfície linguística do conto “A Dívida”, de Fontes Ibiapina e, mais especificamente, os seus modos de organização do discurso, dizem respeito a dimensão explícita deste ato de linguagem, enquanto os saberes ativados para a sua significação, que perpassam tanto as instâncias de produção quanto de interpretação, compreendem a dimensão implícita do referido ato linguageiro. Mas no que tocam esses saberes? Segundo Charaudeau (2016, p. 32), as circunstâncias de discurso abarcam um conjunto de saberes partilhados pelos protagonistas do ato de

linguagem, sendo eles “[...] – saberes supostos a respeito do mundo: as práticas sociais partilhadas; – saberes supostos sobre os pontos de vista recíprocos dos protagonistas do ato de linguagem: os filtros construtores de sentido”.

Isto posto, partimos para a análise da organização argumentativa no discurso literário do conto “A Dívida”, do literato piauiense Fontes Ibiapina. Iniciamos tecendo algumas considerações sobre as especificidades do ato de linguagem e de suas circunstâncias de discurso. Feito isto, analisamos a presença e o funcionamento do modo argumentativo de organização do discurso nesta narrativa piauiense.

2. O ato de linguagem e as circunstâncias de discurso no conto

Na coletânea de contos *Chão de Meu Deus* (2009), publicada originalmente em 1958, o literato piauiense João Nonon de Moura Fontes Ibiapina não apenas consagra o início de sua carreira literária com o seu primeiro livro publicado, como também nos apresenta uma sequência de contos cujos cenários, temas e personagens são elaborados em uma tentativa de capturar as supostas características do espaço, do povo e da cultura piauienses. Um exemplo deste projeto literário está no conto “A Dívida”, o qual, como recorte, selecionamos para ser analisado nesta pesquisa. Trata-se de uma narrativa que trata de conflitos no sertão piauiense, focalizando a história do personagem João Viriato, um sujeito que chega ao interior do Piauí e logo conquista uma fama de malfeitor, por causa de suas atitudes e dos ditos a seu respeito, ambos contados por um narrador que tece o seu relato a partir de um movimento de retorno às suas memórias de infância.

Logo no início do conto, temos uma situação inicial em que é narrado como se deu a chegada de João Viriato ao Piauí, na cidade de Picos: “Chegou em Picos depois da grande Seca de 1932, puxando uma cachorra. Não trouxe família, não trouxe nada. Vinha com uma mão no fecho e outra no cano. Só com a coragem na cara” (Ibiapina, 2009, p. 43). Apesar de não ser explicitamente identificado como um retirante, conseguimos fazer essa associação visto que ele abandona o seu lugar de origem após um episódio de seca histórica, sem nenhuma condição financeira, em busca de melhorar suas condições de vida no lugar escolhido. Contudo, somos apresentados a uma série de informações e eventos trazidos pelo narrador acerca da índole e das atitudes do personagem, tais como seu suposto perfil de valentão, brigão e as suspeitas de ameaças, agressões e até mesmo assassinatos cometidos contra outros indivíduos da região. No desfecho da história, reforçando as impressões postas a

partir do relato do narrador acerca do temperamento daquele retirante, em uma festa de forró, João Viriato trava uma disputa com o cantor do evento, que havia decidido interromper seu ofício para dançar por um momento com uma moça, e a história se encerra com uma disputa armada que deixou dois corpos estirados no terreiro da festa que até então se desenrolava animada.

Debruçando-nos sobre esse enredo, notamos que, ao longo do conto, o ponto de vista do narrador apresenta uma inclinação para fazer com que o leitor compartilhe das impressões que ele apresenta acerca da índole do personagem João Viriato, conduzindo prontamente ao julgamento de que ele seria de fato um criminoso. É nessa direção que vislumbramos o que Amossy (2018, p. 44) conceitua como dimensão argumentativa.

[...] a simples transmissão de um ponto de vista sobre as coisas, que não pretende expressamente modificar as posições do alocutário, não se confunde com uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente e que oferece estratégias programadas para esse objetivo.

O pensamento da autora nos mostra que devemos, no que diz respeito à argumentação, diferenciar dois tipos de discurso. De um lado, temos aqueles que possuem uma visada argumentativa (um discurso eleitoral, jurídico, publicitário etc.) e, de outro, discursos com uma simples dimensão argumentativa (reportagens, conversações cotidianas, romances etc.). Nesse sentido, dizemos que há no conto “A Dívida”, de Fontes Ibiapina, uma dimensão argumentativa na construção de seu enredo, sobretudo na identificação do personagem João Viriato como um criminoso para o leitor.

Junto ao pressuposto da existência de uma dimensão argumentativa em sua encenação, é possível tecermos algumas outras observações acerca das especificidades desse texto literário ao ser tomado como um ato de linguagem, as quais sintetizamos no seguinte esquema de representação:

Figura 2 - Representação do dispositivo da encenação do conto “A Dívida”



Fonte: adaptação elaborada com base em Charaudeau (2016, p. 77) e Mello (2004, p. 95).

O esquema de representação acima nos mostra que o conto “A Dívida” é o resultado material de um processo de semiotização do mundo comandado por um sujeito de intencionalidades e detentor de um projeto de fala. A transformação da realidade em um real significante, que funciona como um objeto de troca comunicativa, ocorre na encenação do ato de linguagem, a qual se realiza a partir de dois circuitos. No primeiro circuito, o externo, temos os dois parceiros do ato de linguagem representando as identidades psicossociais das instâncias de produção e interpretação em uma dada situação de comunicação. Já no segundo circuito, o interno, temos os dois protagonistas do ato de linguagem também representando os polos de produção e interpretação da linguagem, mas como identidades lingüísticas, que existem na/pela linguagem.

De modo mais específico, a encenação do conto “A Dívida” possui uma dupla dimensão (implícita e explícita), que deve ser reconhecida para a construção de sua significação. Na dimensão implícita (o circuito externo), há o EUC Fontes Ibiapina, um sujeito reconhecido socialmente pela sua identidade de autor-escritor de textos ficcionais. Em meio ao reconhecimento da situação de comunicação em que está inserido, no caso, de produção de um gênero textual pertencente à esfera literária (o conto) que funciona a partir do testemunho de uma história ficcional, o referido EUC

possui um projeto de escritura literária (o relato ficcional da história do personagem João Viriato). Junto a ele, há também o TUi, que diz respeito a qualquer sujeito com uma competência de leitura para ter acesso ao projeto de escritura ficcional do EUC Fontes Ibiapina.

Na dimensão explícita (o circuito interno), encontramos dois sujeitos projetados pelo EUC durante a elaboração de seu projeto de fala ficcional. O primeiro deles é o EUE, no caso, o narrador-contador da história ficcional, o qual é uma “máscara” linguageira posta em cena pelo EUC para a concretização de seu projeto de fala. Já o segundo sujeito é o TUD, que, diferentemente do TUi, representa o leitor idealizado pelo EUC Fontes Ibiapina para o seu projeto de escritura. Há ainda, no circuito interno deste ato de linguagem, uma dupla *mise en scène*, como postula Mello (2004) ao tratar das especificidades do dispositivo da encenação de textos dramáticos, o que é representado nas interações entre os personagens descritas pelo EUE, que acabam por reproduzir dispositivos particulares de encenação do ato de linguagem, com seus parceiros e protagonistas, as quais, em razão de sua diversidade, não abordamos aqui.

Com base nessas observações acerca do dispositivo da encenação do conto analisado, aprofundamos a análise desses dois circuitos (interno e externo), os quais, embora interrelacionados, são discutidos isoladamente a fim de facilitar nossa exposição. Começamos pelas circunstâncias de discurso, por acreditarmos que reconhecê-las seja um dos passos fundamentais para se chegar à construção da significação, visto que elas reúnem saberes imprescindíveis para a interpretação e a compreensão de um ato de linguagem.

Como já explicitado anteriormente, o conto “A Dívida” é o resultado de um projeto de escritura comandado por um autor-escritor socialmente identificado como Fontes Ibiapina. Trata-se do nome artístico de João Nonon de Moura Fontes Ibiapina (1921-1986), o sujeito que se tornou um dos mais emblemáticos nomes da literatura de autores piauienses.

Fontes Ibiapina nasceu em 14 de junho de 1921 na Fazenda Lagoa Grande, localizada nos arredores de Picos – município do Estado do Piauí (Brasil). Nonon – como também era conhecido – possuía um hábito de ouvir histórias que foi sendo repassado para os seus filhos, netos e para a sua própria produção literária. Com uma vasta obra e influência no cenário intelectual/cultural do Piauí, em 29 de novembro de 1962, o escritor piauiense, que também exercia as funções de pesquisador e juiz

de direito, tomou posse na Academia Piauiense de Letras (APL), assumindo a cadeira de Número 9 (Barros, 2012).

Na escrita de *Fontes Ibiapina*, um de seus netos relata, em depoimento, que era marcante a influência das memórias da infância e da juventude de um menino que nasceu e cresceu no interior do Piauí, tanto que “[...] arrancava de sua adolescência a inspiração para os personagens de seus contos e romances” (Barros, 2008, s.p.). Além disso, esse literato possuía uma dupla carreira de escritor e juiz. No entanto, seu neto enfatiza que “*Fontes Ibiapina* não levava trabalho para casa nem literatura para o seu local de trabalho. Sabia separar as duas profissões que abraçou com tanto esmero” (Barros, 2008, s.p.).

No que diz respeito, mais especificamente, a sua carreira literária, *Fontes Ibiapina* era apontado como um dos membros do grupo Meridiano, o qual, segundo Rabelo (2008), congregava intelectuais piauienses advindos do interior do Piauí ou filhos de famílias da zona rural, ambos responsáveis por um movimento de construção de imagens do Piauí “[...] como ‘província’ nordestina, ‘paisagem bucólica’, espaço manso e monótono’, que muito lentamente ia se modificando pela introdução de elementos modernos, como o caminhão e o cinema” (Rabelo, 2008, p. 31). Logo, como ainda menciona o autor, a figura de *Fontes Ibiapina* era marcada por um conservadorismo que influenciava não apenas sua forma de representar o mundo, mas também seu olhar para a sociedade, cultura e o tempo, levando o literato a buscar se voltar para o passado através de seus textos, respondendo, assim, aos discursos de modernização dos espaços que começavam a ganhar força na sociedade piauiense do final dos anos 1950.

Relacionando a conjuntura histórica da sociedade piauiense do final dos anos 1950 a meados dos anos 1970 com os discursos fabricados a respeito da região, Rabelo (2008) menciona o papel de *Fontes Ibiapina* nesse processo. Para o autor, a escrita de *Fontes Ibiapina* passou por dois momentos característicos. Em um primeiro momento, o escritor se voltou para a fabricação de discursos de *nordestinização* do Piauí, algo mais presente em seus textos literários, dialogando com as práticas de pedidos de verbas para o estado do Piauí e os discursos desenvolvimentistas; em um segundo momento, ele se dedicou à “invenção” da cultura popular piauiense, sobretudo a partir de suas produções para o folclore, em uma tentativa de valorizar a riqueza e a cultura piauienses – um projeto que possui relação com o apoio financeiro que *Fontes Ibiapina* recebeu do governo de Alberto Silva, nos anos 1970,

como parte de um projeto político para supostamente divulgar uma boa imagem do Piauí através de seus aspectos identitários (Rabelo, 2008).

O conto “A Dívida”, como mencionado anteriormente, foi publicado na coletânea de contos *Chão de Meu Deus* em 1958 e, portanto, relaciona-se com primeiro momento da escrita de Fontes Ibiapina, isto é, o de fabricação de discursos de *nordestinização* do Piauí, segundo a caracterização de Rabelo (2008). Nesse processo discursivo de filiação do Estado do Piauí a enunciados de caráter regionalista, conseguimos identificar uma relação com discursos anteriores de *invenção* do Nordeste, conforme apontado por Albuquerque Júnior (2011). Segundo o autor, devemos “[...] pensar o Nordeste como uma identidade espacial, construída em um preciso momento histórico, final da primeira década do século passado e na segunda década, como produto do entrecruzamento de práticas e discursos ‘regionalistas’” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 33).

Destacamos nesse processo de elaboração discursiva de uma identidade para a região do Nordeste um período em que se buscou uma reelaboração da ideia de Nordeste, a partir dos anos 1930, em uma tentativa de pôr do avesso a leitura conservadora e tradicionalista feita da região até então. Trata-se de uma forma de representação do Nordeste como um espaço de revolta, desvelando a miséria e as injustiças sofridas pela região através de um discurso populista. Entretanto, junto a essas informações, Albuquerque Júnior (2011, p. 224) destaca também que:

[...] o Nordeste continua, neste discurso, sendo um espaço-pretexto para se pedir providências dos poderes públicos, para mendigar favores, embora adquira também a imagem do espaço rebelde, que serve para anunciar a transformação social ou com ela ameaçar, como um espaço-denúncia das injustiças e crueldades das relações sociais no país. Região construída para ser nossa vergonha, em oposição ao Sul, a São Paulo, nosso orgulho.

No conto de Fontes Ibiapina aqui analisado, há, portanto, um diálogo com o processo discursivo anterior de elaboração de enunciados acerca da região Nordeste. O seu personagem principal, o retirante João Viriato, é construído com um sujeito criminoso. Nesse sentido, retomando os discursos de revolta da região Nordeste, é significativo o fato de que:

[...] nestes discursos, os “personagens do Nordeste” serão sempre as pessoas marginais ao sistema capitalista, mesmo quando falam acerca dos operários ou da revolução. São artesãos, pescadores, ambulantes, cangaceiros, beatos,

retirantes, tomados como tipos sociais para construir suas narrativas (Albuquerque Júnior, 2011, p. 225, grifo nosso).

Conforme o que foi exposto, conseguimos verificar as especificidades da encenação do conto “A Dívida”, de Fontes Ibiapina, assim como alguns aspectos característicos de suas circunstâncias de discurso. A partir desse momento, nosso foco será analisar o modo de organização argumentativo desse ato de linguagem. Por essa razão, identificamos, a seguir, a organização da lógica argumentativa e da encenação argumentativa no discurso literário em questão.

3. A organização argumentativa no conto

No espaço interno do ato de linguagem, temos um texto literário funcionando como o resultado material do projeto de escritura do EUc Fontes Ibiapina. Trata-se de um conto que se apresenta a partir de determinados modos de organização da sua materialidade significante. Em razão dos objetivos do nosso trabalho, como já mencionado anteriormente, consideramos, mais especificamente, o modo argumentativo de organização discursiva do conto “A Dívida”.

Conforme Charaudeau (2016, p. 205), a argumentação ocorre a partir de uma “[...] relação triangular entre um *sujeito argumentante*, uma *proposta sobre o mundo* e um *sujeito-alvo*”. De modo semelhante, temos no conto “A Dívida” um EUc (o autor-escritor Fontes Ibiapina), que projeta um EUe (o narrador-contador de uma história ficcional) como um potencial *sujeito argumentante*, para enunciar a sua proposta sobre o mundo (o universo narrado como história ficcional), dirigindo-se a um *sujeito-alvo* (o TUD, um leitor idealizado para a narrativa). Como apontado na análise desse texto ficcional como um ato de linguagem, percebemos a presença de uma relação argumentativa posta em cena pelo narrador (*sujeito argumentante*) na construção do enredo do conto em questão, sobretudo no direcionamento do leitor (*sujeito-alvo*) para julgar o personagem João Viriato como um criminoso (proposta sobre o mundo).

Mas como se manifesta, de um ponto de vista linguístico-discursivo, essa relação argumentativa? Para respondermos a essa questão, convém analisarmos o modo argumentativo do discurso literário do conto “A Dívida” sob uma dupla perspectiva: os procedimentos de organização da lógica argumentativa (a razão demonstrativa) e os procedimentos da encenação argumentativa (a razão persuasiva). Devido à impossibilidade de analisar o ato de linguagem em sua

totalidade no espaço deste artigo, destacamos alguns trechos que consideramos representativos para demonstrar o funcionamento da organização argumentativa no referido conto de Fontes Ibiapina.

Eu era pequeno quando conheci João Viriato. Via-o, constantemente, quando ia a nossa casa de campo, comprar carneiros para o seu açougue. Dizia ser cearense, mas os *erres* enrolados nas palavras – corda, cordão, cortar e outras, e os *eles* cancelados em natal, capital, carnaubal, etc., denunciavam a sua procedência do Estado da Paraíba. Por isto mesmo, isto é, pelo motivo de negar de onde havia vindo, fazia-se o cálculo de ser um criminoso de vereda (Ibiapina, 2009, p. 43).

Esse primeiro trecho consiste em uma apresentação que o narrador realiza logo no início acerca do personagem João Viriato. A partir dela, conseguimos destacar, primeiramente, algumas características dos componentes da lógica argumentativa da narrativa em questão, isto é, a razão demonstrativa. Vejamos:

Quadro 1 – Componentes da lógica argumentativa

Elementos de base da relação argumentativa	Asserção de partida (A1): “pelo motivo de negar de onde havia vindo”. Asserção de chegada (A2): “fazia-se o cálculo de ser um criminoso de vereda”. Asserção de passagem: Se João Viriato precisa negar a sua real procedência, logo ele está escondendo algo de errado.
Modos de encadeamento	Utiliza-se a operação lógica da consequência para estabelecer uma relação de causalidade implicativa entre as asserções A1 e A2. A locução adverbial “por isto mesmo” reforça essa relação, deixando subentendido que “A1, LOGO A2”.
Modalidades	A asserção de passagem, isto é, o raciocínio implícito na relação de causalidade implicativa presente entre as asserções A1 e A2, constrói-se a partir de um vínculo modal do eixo do possível. Desse modo, esse vínculo é da ordem da plausibilidade, visto que se trata de um cálculo qualitativo, que parte da experiência e dos saberes de crença do enunciador.
O escopo do valor de verdade	Considerando a totalidade da proposta trazida a partir da relação entre A1 e A2, dizemos que ela da ordem da generalização.

Fonte: elaborado pelos autores.

A organização da lógica argumentativa entre as asserções do conto analisado, como exemplificado pelo trecho acima, constrói-se significativamente por meio de encadeamentos de causalidade implicativa, estabelecendo vínculos modais do eixo do possível e sustentando propostas cujo valor de verdade é da ordem da generalização. Sendo assim, notamos que os procedimentos da lógica argumentativa (os modos de raciocínio) utilizam principalmente de um modo de raciocínio por dedução. Parte de uma asserção para se chegar a uma conclusão através de uma

inferência. O trecho apresentado anteriormente ilustra esse processo, visto que temos um tipo de dedução por cálculo (*Se A1, então A2 > Se ele negou de onde veio, então ele é um criminoso*). Esse exemplo de dedução pertence ao eixo do possível e se configura como uma hipótese que parte de uma generalização embasada em uma crença/opinião popular.

Diante dessa organização argumentativa, manifesta-se a encenação argumentativa do referido conto, isto é, a razão persuasiva. Ainda em referência ao trecho apresentado anteriormente, temos os seguintes componentes da encenação argumentativa:

Quadro 2 – Componentes da encenação argumentativa

<p>“Por isto mesmo, isto é, pelo motivo de negar de onde havia vindo (A1), fazia-se o cálculo de ser um criminoso de vereda (A2)” (Ibiapina, 2009, p. 43, grifo nosso).</p>	
Proposta	<p>No exemplo, temos uma síntese da relação argumentativa a partir da qual o conto se desenvolve. A relação entre as asserções A1 e A2 ilustra a construção de uma proposta que consiste na suposição de que o retirante João Viriato seria um criminoso por supostamente ter mentido sobre sua origem. Ela é explicitamente marcada pela locução adverbial “por isto mesmo”.</p>
Proposição	<p>O sujeito argumentante assume uma atitude de não tomada de posição diante da proposta apresentada, desenvolvendo, em seguida, um ato de persuasão ao longo da narrativa para averiguar a veracidade da proposta. Para isso, ele desenvolve uma ponderação parcial que se concentra na A2, passando a averiguar a índole de João Viriato.</p>
Persuasão	<p>O sujeito argumentante se volta para estabelecer uma prova de ponderação acerca de sua posição adotada na proposição.</p>

Fonte: elaborado pelos autores.

Sobre os tipos de configuração da relação argumentativa presente nesse conto, destacamos, inicialmente, o fato de estarmos diante de uma situação de troca monologal, porque o sujeito argumentante constrói a totalidade de sua argumentação, não possibilitando a interferência do sujeito-alvo na configuração do texto, pondo em evidência sua proposta, proposição e desenvolvendo o ato persuasivo propriamente dito. Em seguida, é imprescindível pontuarmos o contrato de comunicação presente na configuração dessa relação argumentativa. Trata-se de um contrato de comunicação literário, o qual não apresenta um quadro argumentativo explícito, mas implícito, visto que é necessário interpretar as asserções como pertencentes a um dispositivo argumentativo.

Um último aspecto relevante a considerarmos na análise dos componentes da encenação argumentativa são as posições adotadas pelo sujeito enunciador do conto ao longo da relação argumentativa estabelecida. Sintetizamos como se dá essa relação no seguinte quadro:

Quadro 3 – As posições adotadas pelo sujeito enunciador

<p>Em relação à proposta</p>	<p>O sujeito não toma posição em relação à proposta, optando por ponderá-la.</p>	<p>“Fazia-se o cálculo de ser um criminoso de vereda” (Ibiapina, 2009, p. 43, grifo nosso).</p>
<p>Em relação ao emissor da proposta</p>	<p>O sujeito argumentante utiliza o modo delocutivo para “apagamento” do emissor da proposta, colocando-o em suspenso. Desse modo, o <i>status</i> do emissor da proposta não é posto em causa. Ele é indeterminado. Assim, a proposta parte de asserções ou de discursos relatados.</p>	<p>“Chegou em Picos depois da grande Seca de 1932, puxando uma cachorra. Não trouxe família, não trouxe nada. Vinha com uma mão no fecho e outra no cano. Só com a coragem e a cara. Os filhos de Candinha dizem que ele desprezara a mulher, lá nos sertões de onde viera, por infidelidade. E apareciam mil e uma histórias: – Tirou a vida da mulher e do amante. – Foi cabra de Lampião. É volta Seca. – Matou cinco num forró” (Ibiapina, 2009, p. 43, grifo nosso).</p>
<p>Em relação à própria argumentação</p>	<p>O engajamento do sujeito argumentante em relação à proposta oscila entre implicar-se diretamente ou não. Consequentemente, a relação argumentativa oscila entre a racionalidade e a polêmica.</p>	<p>“Era assim mesmo o acalenta-menino da Lagoa Seca. Tomava as dores dos outros para si e danava o pau a abrir pacote com Deus e o Mundo. Uma onça canguçu naqueles arrabaldes. São palavras suas: – Comigo é assim: escreveu não leu, o pau comeu. Topo toda parada. Da banda que aliso sou um ralo; de outra, um esporão de galo.” (Ibiapina, 2009, p. 44, grifo nosso).</p> <p>“Será que tudo isto seja coincidência?! Limito-me, apenas, a dizer que cheguei a acreditar nos adeptos da ESCOLA ANTROPOLÓGICA do vasto e emaranhado campo do DIREITO PENAL.” (Ibiapina, 2009, p. 45, grifo nosso).</p>

Fonte: elaborado pelos autores.

Esses componentes se unem a alguns procedimentos da encenação argumentativa para estabelecer a prova da validade da argumentação que se desenrola no decorrer do conto. Eles são de três naturezas: semânticos, discursivos e de composição. O seguinte trecho é representativo do modo como esses procedimentos se materializam no conto analisado:

E era verdade mesmo. Andava doido para mandar alguém conversar com São Pedro e se pesar na balança de São Miguel. Os caboclos dali já o sabiam bem, dado as suas proezas. Todavia, qualquer um que tivesse noções de ciência de **Lombroso e Ferri**, o sabia também ao vê-lo pela primeira vez. **Tinha quase todos os caracteres do criminoso nato do velho Lombroso. Testa pequena e fugidia, órbitas dos olhos dilatadas, barbas plantadas a sovela, cabelos abundantes – pretos e lisos, braços relaxados, orelhas grandes e cabanas.** Não usava tatuagem, porém, **parecia ser analgético**, pois, quando estava numa roda de gente, gostava de pegar um alfinete e enfiá-lo na perna até topar! **Quanto à disvulnerabilidade, nada sei. Possuía algo de ambidextria;** assinava o nome, em idêntica caligrafia, com qualquer uma das mãos (Ibiapina, 2009, p. 45, grifos nossos).

Os procedimentos semânticos estão presentes em argumentos fundamentados em um consenso social que partem de valores e domínios de avaliação determinados. Nesse sentido, o exemplo acima demonstra um procedimento semântico que está presente na argumentação empreendida pelo EUE, no caso, a avaliação pautada no domínio do ético, que julga o personagem e suas ações em termos de bem e de mal, à luz de uma moral externa. Em outras palavras, a argumentação é sustentada no seguinte princípio: “Ele é X porque age e/ou apresenta-se de uma forma Y”.

Assim sendo, o narrador do conto desenvolve uma argumentação direcionada a provar que o retirante é um criminoso porque se apresenta e age como um infrator. Nesse intuito, o trecho destacado nos mostra uma avaliação pautada no domínio do ético sustentada nos valores de disciplina, honestidade, justiça e bondade. Para o personagem, é implicitamente projetada uma imagem oposta a esses valores, como se ele reunisse todas as características de um “criminoso nato”: indisciplinado, desonesto, injusto e maldoso.

Para reforçar esse julgamento, o sujeito argumentante utiliza o procedimento discursivo de citação de um saber, para produzir um efeito de persuasão. De modo mais específico, há uma menção a estudiosos da área da criminologia, Lombroso e Ferri. Os dois foram seguidores da Escola Positiva Italiana, a qual defendia que o direito da sociedade, dos “honrados”, deveria preceder os direitos individuais, sobretudo dos “delinquentes”. Com base nessa lógica, o delito era associado a fatores patológicos e individuais. Na visão de Lombroso, o “homem delincente” deveria ser encarado como um ser diferenciado, caracterizado por estigmas degenerativos comportamentais, psicológicos e sociais; enquanto Ferri, de modo similar, concebia o “delincente” como um agente infeccioso do corpo social,

justificando, assim, a necessidade de segregação dos indivíduos “delinquentes” (Zaffaroni, 2013).

No conto “A Dívida”, como visto no exemplo acima, o narrador descreve desde o tamanho da testa de João Viriato até a sua capacidade de assinar com as duas mãos, para justificar, tomando como referência a linha de pensamento de Lombroso e Ferri, a criminalidade a partir de fatores físicos e mentais. Longo de debater sobre a validade dessa tese, o nosso interesse está em identificarmos sua presença como um argumento de autoridade na relação argumentativa desenvolvida pelo narrador. Assim sendo, evidenciamos uma avaliação pautada no domínio do ético, que parte de referências da criminologia e revela uma relação do enunciado literário com suas circunstâncias de discurso, mais especificamente, com a dupla carreira de escritor e juiz assumida por Fontes Ibiapina. Contrariando o depoimento de Barros (2008), percebemos que o olhar de juiz atravessa a avaliação do personagem ficcional do escritor literário, não havendo, dessa forma, uma separação estanque entre as duas profissões exercidas por Fontes Ibiapina.

Por fim, destacamos os procedimentos de composição do processo argumentativo do conto analisado. Há no texto literário em questão o uso de procedimentos de composição linear. Com isso, os argumentos, seja em trechos específicos ou na totalidade da narração, são apresentados de modo a facilitar a localização das diferentes articulações do raciocínio. Vejamos como isso ocorre:

Não tardou a botar as unhas para fora. Arrotava valentia de meter medo em qualquer barbado. Para todo lugar que ia, levava uma peixeira e um revólver nos coses das calças. **Um belo dia**, com uma peia ensebada, deu uma sova em dois molecotes, que se meteram a roubar melancia em sua roça. Estes, coitados, se viram tão aperreados, que resolveram a se retirar para as extremas de Pernambuco. **De outra feita**, quis coçar os couros da mestiça Anita Broca. A carreira foi tão *pequena*, que a cabocla botou no mato um brasileiro que se alojava em sua pança (Ibiapina, 2009, p. 44, grifos nossos).

O trecho em destaque apresenta um relato do narrador acerca de episódios supostamente realizados por João Viriato que reforçavam a sua tese de que o retirante estava de fato escondendo algo. Em sua composição, notamos que as etapas da argumentação são demarcadas de uma maneira em que conseguimos identificar um começo, transição e fim do argumento apresentado. Diante das provas apresentadas pelo sujeito argumentante, o leitor é levado a concluir que o retirante certamente teria a índole de um criminoso.

Considerações finais

Ao concluir este trabalho, verificamos que o gênero conto pode ser considerado como um ato de linguagem sempre inserido em circunstâncias de discurso próprias. No conto em análise, o dispositivo de encenação é comandado pelo EUC Fontes Ibiapina, detentor de um projeto de escritura, no qual identificamos uma dimensão argumentativa, principalmente na proposta de identificação do personagem principal como um criminoso. As circunstâncias de discurso do conto analisado apontaram para algumas características desse autor-escritor, tais como a perspectiva conservadora para o tempo, espaço, a sociedade e cultura, a sua participação em discursos de *nordestinização* do Piauí, assim como a relação destes com um processo discursivo mais amplo de *invenção* do Nordeste, visto que o personagem João Viriato, construído como um criminoso, é um exemplar dos “personagens do Nordeste”, como os retirantes, os quais, segundo Albuquerque Júnior (2011), eram figuras marginais ao sistema apresentadas outrora nas práticas e discursos regionalistas para serem vistos como “nossa vergonha”, em oposição ao Sul, que seria “nosso orgulho”.

Identificando a organização da lógica argumentativa do referido conto, percebemos que ela parte de encadeamentos de causalidade implicativa. Essa forma de organização estabelece vínculos modais do eixo do possível e propostas da ordem da generalização. Sendo assim, os procedimentos da lógica argumentativa do conto analisado utilizam, principalmente, de raciocínios por dedução.

Junto a isso, delimitando a organização da encenação argumentativa, destacamos a presença de um quadro argumentativo implícito, que é característico do contrato de comunicação literário. Em síntese, percebemos que o EUC – o narrador do conto – enuncia o projeto de escritura do EUC Fontes Ibiapina apresentando uma sequência de fatos direcionada a provar que o personagem principal é um criminoso em razão de se apresentar e agir como um “delinquente”. Com essa intencionalidade, destacamos as seguintes características dos procedimentos da encenação argumentativa mobilizados ao longo da narrativa: a) semânticos: avaliações pautadas no domínio do ético e em valores de disciplina, honestidade, justiça e bondade; b) discursivos: citação de saberes através de referências da área da criminologia, revelando um atravessamento da segunda profissão – juiz – na escritura literária de Fontes Ibiapina; c) composição: linear, com a relação argumentativa entre as asserções construída de modo a ser possível

identificar um início, transição e fim dos argumentos, levando o TUD – leitor idealizado – a concluir que o retirante certamente teria a índole de um criminoso.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

ARAÚJO, A. S. Literatura brasileira de autores piauienses: uma historiografia sem rigor. **Diário do Povo do Piauí**, Teresina, 25 mar. 2007. Caderno Galeria, Seção Cultura, p. 18. Disponível em: https://airtonsampaio.blogspot.com/2012/11/literatura-brasileira-de-autores_6411.html. Acesso em: 07 ago. 2023.

BARROS, E. **Fontes Ibiapina de fio a pavio**. Piauí.com.br, 2008. Disponível em: http://www.piaui.com.br/turismo_txt.asp?ID=513. Acesso em: 07 ago. 2023.

BARROS, E. **Nonon**: o menino da Lagoa Grande. Teresina: Nova Aliança, 2012.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e Discurso**: modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (org.) **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CHARAUDEAU, P. Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem. In: MARI, H.; MACHADO, I.; MELLO, R. (org.) **Análise do Discurso**: fundamentos e práticas. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001.

IBIAPINA, J. N. M. F. A Dívida. In: IBIAPINA, J. N. M. F. **Chão de Meu Deus**. 3. ed. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2009.

FERES, B. **Discurso amoroso na literatura infantil**. São Paulo: Contexto, 2023.

MELLO, R. Teatro, gênero e Análise do Discurso. In: MACHADO, Ida. Lucia; MELLO, Renato de. (org.) **Gêneros**: reflexões em Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 87-106.

MOURA, J. B. **Análise discursiva de editoriais do jornal Meio Norte**: um retrato do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2020. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/analise-discursiva-de-editoriais-do-jornal-meio-norte-um-retrato-do-piaui/> Acesso em: 01 dez. 2023.

RABELO, E. A. **A História entre Tempos e Contratemplos**: Fontes Ibiapina e a obscura invenção do Piauí. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 200 f., 2008.

ZAFFARONI, E. R. **A questão criminal**. Rio de Janeiro: Revan, 2013.

Anexo: Conto “A Dívida”, de Fontes Ibiapina (2009)

Eu era pequeno quando conheci João Viriato. Via-o, constantemente, quando ia a nossa casa de campo, comprar carneiros para o seu açougue. Dizia ser cearense, mas os erres enrolados nas palavras - corda, cordão, cortar e outras, e os eles cancelados em natal, capital, carnaubal, etc., denunciavam a sua procedência do Estado da Paraíba. Por isto mesmo, isto é, pelo motivo de negar de onde havia vindo, fazia-se um cálculo de ser um criminoso de vereda.

Chegou em Picos depois da grande seca de 1932, puxando uma cachorra. Não trouxe família, não trouxe nada. Vinha com uma mão no fecho e outra no cano. Só com a coragem e a cara. Os filhos de candinha diziam que ele desprezara a mulher, lá nos sertões de onde viera, por infidelidade. E apareciam mil e uma histórias:

- Tirou a vida da mulher e do amante.
- Foi cabra de Lampião. É Volta Seca.
- Matou cinco num forró.

Aboletou-se na fazenda Veados, de propriedade do Coronel Chico Santos. Começou a vida baldrocando jumentos. Transferiu-se para açougueiro. E terminou conseguindo um pé de recurso. Anos depois, arranjou um xodó com uma cabocla e veio para Lagoa Seca, onde botara uma bodega bem sortida.

Não tardou a botar as unhas para fora. Arrotava valentia de meter medo a qualquer barbado. Para todo lugar que ia, levava uma peixeira e um revólver nos coses das calças. Um belo dia, com uma peia ensebada, deu uma sova em dois molecotes que se meteram a roubar melancia em sua roça. Estes, coitados, se viram tão aperreados, que resolveram a se retirar para as extremas de Pernambuco. De outra feita, quis coçar os couros da mestiça Anita Broca. A carreira foi tão pequena, que a cabocla botou no mato um brasileiro que se alojava em sua pança.

Um dos maiores sambistas Dalí, Eliseu das Barreiras, já não mais podia ir a uma fuzarca. Pulava cerca para não se encontrar com João Viriato. Interessante é que ele se rixara com Eliseu por causa do namoro com uma arigó que não era sequer sua aderente.

Era assim mesmo o acalenta-menino da Lagoa Seca. Tomava as dores dos outros para si e danava o pau a abrir pacote com Deus e o mundo. Uma onça canguçu naqueles arrebaldes. São palavras suas:

— Comigo é assim: escreveu não leu, o pau comeu. Topo toda parada. Da banda que aliso sou um ralo; da outra, um esporão de galo.

Quando chegava num samba, tomava a frente e fazia o que bem entendia. Aconchegava-se a o homem do fole, e se prontificava:

— A cota sou eu quem vai cobrar. Deixe tudo correr por minha conta. Aquele que não pagar, não dança. Seja quem for. Quem canta de graça é galo, e quem trabalha pra macho é relógio.

Dizia e fazia. Aquele que não tivesse dinheiro na ocasião, cochilava a noite toda pelos pés das paredes.

Morrer de morte matada, todo mundo sabia que ele não morria. E não havia quem não tivesse medo de ir para a cidade dos pés juntos a mandado de João Viriato.

E era verdade mesmo. Andava doido para mandar alguém conversar com São Pedro e se pesar na balança de São Miguel. Os caboclos dali já o sabiam bem, dado as suas proezas. Todavia, qualquer um que tivesse noções de ciência de Lombroso e Ferri, O sabia também ao vê-lo pela primeira vez. Tinha quase todos os caracteres do criminoso nato do velho Lombroso. Testa pequena e fugidia, órbitas dos olhos dilatadas, barbas plantadas a sovela, cabelos abundantes - pretos e lisos, braços relaxados, orelhas grandes e cabanas. Não usava tatuagem, porém, parecia ser analgético, pois, quando estava numa roda de gente, gostava de pegar um alfinete e enfiá-lo na perna até topar! Quanto à disvulnerabilidade, nada sei. Possuía algo de ambidextria; assinava o nome, em idêntica caligrafia, com qualquer uma das mãos.

Será que tudo isto seja coincidência?! Limito-me, apenas, a dizer que cheguei a acreditar nos adeptos da ESCOLA ANTROPOLÓGICA do vasto e emaranhado campo do DIREITO PENAL.

Selou um burro famoso, botou a cartucheira, o revólver e a peixeira na cintura:

— Té amanhã, Margarida, ou até dia de júzo.

— Deixe de doidice!... Não teme os castigos de Deus?!

— Pode ser que seja hoje o dia de pagar a minha dívida.

Todas as vezes que saía para uma infuca, era assim que se despedia da companheira.

Havia dias que o forró estava apalavrado. Ia ser de abafar. Viria gente de todos os recantos. Só o tocador, chamava a atenção da caboclada. De fato - Joaquim Arcanjo puxava bem em sua sanfonazinha.

A festa estava animada. Cachaça, dança, moças bonitas. Todo mundo brincava. Bebia e dançava na mais perfeita harmonia. Morenas fortes, de vestidos rendados, cabelos longos e presos em fitas, davam ao ambiente um ar de simplicidade naquela diversão tão característica do povo pobre, rude e honesto dos sertões nordestinos.

Mais ou menos meia noite, Joaquim Arcanjo entregou o fole para um garoto seu irmão, e foi dançar.

João Viriato se queimou:

— Não pode ser, seu fulano!... Todo mundo pagou foi pra você tocar.

— Tenha paciência, moço... Vou rodar duas partes somente... A dama já está figurada. Também é impossível eu não balançar o esqueleto, numa festa tão boa como essa! Tenha paciência!...

— Quem não pode com o pote, não pega na rodilha. Esta é que é a verdade, curta e certa. Todos pagamos pra você tocar. Foi ou não foi? Se não aguenta o tempo no fole, devolva o dinheiro, e está tudo acabado.

— Sim, eu sei disto. Mas é que o menino faz o mesmo traçado.

— Não quero saber de desculpa mole. Quem vai tocar hoje até o sol raiar é você, que foi quem recebeu a bolaça da cota.

A conversa terminou. E Joaquim Arcanjo foi dançar. João Viriato ficou numa cadeira, de pernas cruzadas, bem enfarruscado.

Levantou-se. Pegou no braço do rapaz, e, calmamente:

— Está satisfeito? Tenho uma conversazinha com você. Duas palavras somente. Faça favor.

(Se Joaquim Arcanjo adivinhasse que as duas palavras eram duas balas, talvez não o tivesse acompanhado).

— Pois não... Com todo prazer.

Na ponta do terreiro, Joaquim Arcanjo interrogou, com a voz um tanto trêmula:

Tem algum negócio importante a tratar comigo?

Não fechou a boca. Sentiu uma mão pesada nos peitos, e dois tiros secos tamparam-lhe os ouvidos. Na agilidade dum gato, sacou da peixeira e, com uma frunchada um pouco acima do umbigo pôs por terra o acalenta-menino daqueles biboques.

As mulheres, e alguns homens, se meteram de casa adentro se valendo de todos os Santos da Corte do Céu.

Alguns se aproximaram. Dois corpos estirados na areia do terreiro acabavam com a festança. Joaquim Arcanjo gemia baleado numa perna. João Viriato estava pronto, de cabelo assentado, com os intestinos saindo pelo golpe da peixeirada. Decerto havia pago a dívida.